

**Resenha****Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital**

(MARTINO, Luís Mauro Sá. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007)

Danielle Vieira da SILVA<sup>1</sup>

A abordagem do indivíduo, que é um Ser único, ligado à singularidade, e ao mesmo tempo um ente relacional, que se comunica com outros sujeitos, é o paradoxo delineado pela obra *Estética da Comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital*. Escrito pelo jornalista e professor doutor em Ciências Sociais, Luís Mauro Sá Martino, o livro tem por objetivo estudar os atos comunicativos oriundos das relações entre os sujeitos. Ao levar em consideração que o processo de comunicação está centrado no indivíduo, mas compreendendo também que não existe conhecimento fora do diálogo, o autor nos leva a refletir acerca do fluxo comunicacional que parte da intencionalidade de uma consciência individual para outras consciências.

Mencionada já no título da obra, a estética tratada por Martino tem base no termo de origem grega *aisthesis*, que significa “sensibilidade” em um sentido amplo e profundo. Dessa maneira, *Estética da Comunicação* se propõe a “pensar as relações entre os meios de massa e o indivíduo como um exercício de sensibilidade e produção – uma estética geradora de uma percepção” (p. 11). Além disso, Estética da Comunicação é o ramo da teoria da comunicação que trata das relações existentes entre os indivíduos e as mídias, partindo da perspectiva de interação entre a consciência, seu mundo de vida e as mensagens.

Para viabilizar a compreensão de como se dão as relações do sujeito no processo comunicacional, segundo Martino, é preciso ter em mente que no espaço social não há emissores ou receptores. Há uma apropriação e transformação das mensagens por parte dos indivíduos. E a partir dessas mensagens, eles chegam a se definir em relação a elas. O autor mostra ainda que essas interações estão em todos os lugares, transformando o indivíduo e seu cotidiano. Logo na introdução, fica clara a existência de um movimento cíclico, no qual o sujeito é um ser cognitivo, que produz e distribui um oceano de mensagens no espaço social e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas – Gmid.

estas retornam ao sujeito. Cada um destes passos é destrinchado ao longo dos oito capítulos do livro, organizado em quatro partes.

A primeira parte, que compreende os capítulos 1 e 2, é intitulada *A produção da consciência comunicativa*, e analisa a relação existente entre consciência e comunicação. Ela se fundamenta na concepção de que o Ser é em primeiro lugar uma entidade comunicativa em si, estabelecendo relação consigo mesmo. A partir desta autopercepção consciente, o indivíduo passa a se relacionar com outros seres, comunicando-se com eles. Complementando esse pensamento, Martino indica que ao interagir com o mundo, o indivíduo mantém estável a sua essência (o que define como consciência-em-si), mas se transforma e se adequa às relações sociais, de forma dinâmica (conceituada como consciência-em-relação).

O primeiro capítulo traz contribuições significativas para o entendimento de que todo processo comunicativo é fruto de uma relação estética, isto porque o ato de comunicação não se dá apenas pela escrita, mas também na comunicação dos afetos e sensações que se pretende compartilhar. Sendo assim, o indivíduo recebe as impressões dos sentidos de outra pessoa, as transforma e compartilha com outros, como em um espiral, fazendo com que não se esgote a relação de consciência com o mundo. O autor revela também que nem um olhar é puro. Ou seja, há sempre uma relação intencional provida de significado, extinguindo qualquer ilusão de objetividade nas relações. E o que estiver fora do limite de percepção de uma pessoa será indiferente a ela.

Para ampliar o estudo, o capítulo 2 insere a categoria do tempo, através da qual Martino cita duas temporalidades: a do ser e a objetiva. A temporalidade do ser reconstrói a própria percepção do tempo a cada instante. Já a objetiva é aquela demarcada pelo relógio. Ele introduz essa diferenciação para explicar que a nossa consciência segue a temporalidade do ser, e não o fluxo do tempo objetivo. O autor discorre ainda sobre o confronto entre conceito e experiência, que formam a nossa consciência. Para ele, apenas conceitualmente nós podemos ter uma ideia da totalidade das coisas, pois isto não acontece nas nossas experiências. É impossível, portanto, termos o conhecimento total de qualquer objeto.

*Estética da Comunicação*, em sua segunda parte, trata da relação da consciência comunicativa com o mundo e o percurso dos signos. No âmbito da consciência, é relevante destacar que o autor a enfatiza como algo individual, sendo a compreensão do mundo sempre uma compreensão do “eu”. E para representar esse mundo, muitas vezes faltam palavras na

linguagem, fazendo com que o sentido total nunca possa ser atingido. Ou seja, como frequentemente uma mesma palavra representa várias realidades, a compreensão do mundo fica fragmentada – é o que explica Martino no capítulo 3. Além disso, a linguagem só se efetiva através das nossas percepções e disposições mentais, a partir das nossas emoções e intencionalidade. Logo, nada “é” simplesmente, tudo “é” em relação a alguma coisa.

A intencionalidade descrita por Martino tem papel fundamental na consciência do Ser, pois é através dela que o indivíduo incorpora os signos novos aos já compreendidos. Em outras palavras, a partir das intenções, nossa consciência dá significado aos signos que recebemos e os acrescentamos àqueles já existentes em nossa trajetória. Esse movimento de interpretação da realidade é descrito pelo autor da obra como “hábitos mentais”, que vão sendo construídos de acordo com nossas práticas intelectuais. Estes hábitos, nascidos da repetição, fazem com que decodifiquemos fragmentos da realidade construída, com base em nossa vivência e realidades anteriores. Por outro lado, fica nítido no capítulo 4 que os hábitos são apenas indícios, eles não necessariamente determinam nossa interpretação do mundo.

Há uma variável à discussão, apresentada na terceira parte do livro, *Comunicação negativa: poder e vida cotidiana*, que é o poder de análise da comunicação. Para Martino, há no contexto social e de comunicação, os espaços de poder, que fazem existir uma ilusão acerca da liberdade de expressão absoluta. Ou seja, somos seres de liberdade relacional, que nos relacionamos com os outros seres a partir da percepção e assim expandimos nossa consciência. Nesse momento da obra, o autor identifica que há limites específicos no ato comunicativo, e que essa limitação se dá na própria comunicação humana.

Um dos limites da comunicação traçados por Martino é a solidão comunicativa da consciência. Ela acontece quando tentamos compartilhar os signos, mas o outro desconhece os códigos e assim não consegue decifrá-los. Essa solidão é um dos fatores que produz espaços de silêncio na comunicação, sendo este o foco do quinto capítulo de *Estética da comunicação*. Nele, o autor explica que os espaços de silêncio podem ser também mais sutis, o que acontece quando pensamos estar imersos em uma relação de comunicação, mas que se trata na verdade de apenas uma mera informação dada. E ainda, o que faz ser comunicativo para um grupo pode não ser para outro. Assim, temos que a existência de um espaço de silêncio provém dos critérios de juízos de valor que damos em nosso grupo. O que estiver fora do nosso fluxo de comunicação, é inexistente para nós.

No que tange ao aspecto do poder nas relações sociais, Luís Martino esclarece que o controle exercido pela comunicação está muito mais pautado na conquista e manutenção dos fluxos comunicativos do que pela força bruta. Assim, cria-se uma ideia de liberdade, que na verdade não é absoluta. E ser livre é fazer nossas escolhas, definindo assim nossa consciência. É nessa relação de fazer escolhas em meio a N possibilidades que se delimita o “conceito negativo” proposto pelo escritor. Essa comunicação negativa, nas palavras de Martino é o silêncio, “parte da comunicação como as pausas são parte de uma partitura musical [...], o intervalo entre duas mensagens a partir do qual se constrói o sentido do todo” (p. 104).

No contexto das escolhas intrínsecas à liberdade do indivíduo, de acordo com Martino, o ser inicia uma imensa produção e troca de signos. Com essa reciprocidade, os seres humanos trabalham os signos recebidos e os devolvem à trama social, sendo assim sujeito e ao mesmo tempo objeto do processo de criação da realidade social. Dessa forma, a realidade não é de forma alguma um elemento dado. Ela é sempre construída pela interação simbólica entre os seres. Assim, o capítulo 6 se concentra nessa realidade social, criada através dos significados que adquirimos e distribuimos nas nossas interações sociais. A fim de expandir a compreensão dessa temática, o escritor explica que os sentidos existem independentemente do indivíduo, mas que são por ele modificados no momento em que se mantém uma relação estética de transformação com outras pessoas.

Na quarta e última parte do livro, *Os novos lugares de comunicação*, de maneira mais sucinta Martino elenca algumas transformações nas relações de reciprocidade entre espectador e produtor, além de outras mudanças. Tais modificações são consequência do Ser em sua forma digital, que pela primeira vez na história é autor de si-mesmo, aumentando assim a liberdade de escolha do indivíduo. É no espaço digital que o Ser fecha o movimento cíclico descrito no início da obra, voltando a encontra-se consigo mesmo, só que de uma nova maneira – há agora a intermediação dos pixels em uma tela. Dessa maneira, há um retorno à individualidade da consciência comunicativa, mas em um novo plano.

Essas mudanças não se restringem ao aspecto tecnológico. Os novos meios dão espaço para novas linguagens, não observadas nos atos comunicativos dos meios tradicionais. Por sua vez, há uma transformação nos sentidos, propiciando assim uma imensa alteração na estética das relações sociais, dispostas nos últimos dois capítulos de *Estética da comunicação*. Enquanto o capítulo 7 aborda de maneira mais sintética uma mudança de pensamento que

cerca a estrutura capitalista, o último capítulo do livro traz contribuições mais sólidas a respeito da possibilidade do ser humano em reconstruir-se na rede digital.

O estudo das relações virtuais é recente, ganhando importância apenas a partir dos anos de 1990. Ele se fundamenta nas novas formas de interação humana e desperta reflexões em vários campos, dentre eles o da comunicação, por ser além de sociológico, um fenômeno comunicacional. Martino justifica o estudo das relações virtuais, com base na explanação de que essas novas formas de interação produzem efeitos reais. Para o autor, as relações virtuais seguem uma dinâmica própria, longe de ser um espelho da realidade. Basicamente, ele volta quase todo o estudo do capítulo para o Orkut, como sendo o principal espaço para a criação de um “eu digital” (lembrando que essa indicação foi dada em 2007). Descrito como um site de relacionamentos, o Orkut é uma gigantesca comunidade virtual.

Nessa volta da consciência para “eu” digital, na qual o Ser é reconstruído em uma nova forma eletrônica, a internet é um suporte para a reinvenção de qualquer ser humano que queira mostrar-se a seu gosto. Uma das diferenças do indivíduo no campo virtual é que ele pode interagir com as outras pessoas, mostrando não apenas o que é, mas sim o que pretende ser, o que gostaria de ser. Além disso, há no virtual uma diminuição radical no tempo das relações sociais. O estudo do Orkut elaborado pelo autor descreve isso, a partir da aceleração dos processos de trocas de signos entre interlocutores que ganham em termos de igualdade relacional. Por fim, a partir do Orkut, o autor afirma que não há um delineamento claro entre público e privado na internet. Assim, o lugar virtual de socialização traz uma nova exposição pública da vida privada.

*Estética da comunicação* se revela como ponto de partida para reflexões acadêmicas, trazendo uma malha de conceitos fundamentais para a compreensão das diferentes modalidades de relações a atos comunicativos que envolvem a existência humana. É uma obra importante para o entendimento do ser como indivíduo construtor da realidade social, em um cenário atual de reconfigurações, no qual além de transformações tecnológicas, há de se perceber que as mudanças acontecem no próprio indivíduo e nas suas relações sociais. É nesse contexto que o estudo da estética da comunicação se faz essencial, ao registrar de forma análoga o movimento de um espiral bem construído ao longo dos capítulos da obra.

Para cumprir de forma efetiva a criação desse espiral de relações entre a comunicação e o ser, convém registrar a carência de, talvez, outro capítulo ou uma parte dedicada a essa

construção do “eu” digital, elencada pelo autor. Martino elabora contribuições significativas acerca das ações virtuais, mas suas colocações são por vezes muito centradas no estudo do Orkut. Mesmo levando em consideração que para ele, em 2007, esse era o principal espaço para criação de um “eu digital”, a discussão pode ser expandida para diversas outras práticas inerentes ao que o autor considera como virtual. Neste outro capítulo ou parte, poderia ser mais bem detalhado o último ponto que fecha o movimento cíclico, já que a maior parte do livro se concentra na consciência do “eu” e nas relações sociais com os outros seres.

Apesar de possuir uma linguagem e construção de pensamento por algumas vezes com pouca clareza, a articulação textual de Martino incorpora ao diálogo interlocutores de outras teorias, fazendo uma importante contraposição de ideias para a construção total da obra. Dessa forma, ela vai além da superficialidade de afirmar que não existe o fluxo emissor-mensagem-receptor, ou ainda que não há ativos e passivos no ato comunicativo. *Estética da comunicação* imerge nas raízes dos processos de consciência e da comunicação para explicar como ocorre o processo, ajudando na compreensão do avanço a novas formas e discursos.